



CINE DEBATE GENIR: discutindo relações de gênero no sertão alagoano

FÉLIX, Natanael Robson Bezerra¹
FERREIRA, Manuella de Oliveira²
SANTOS, Ananda Maria Oliveira dos³
SANTOS, Khadija Xavier dos⁴

Resumo: Este artigo se baseia nas discussões e debates sobre relações de gênero, promovidos pelo projeto de extensão Cine Debate, do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social, com o objetivo de problematizar, no espaço acadêmico, as categorias sociais pesquisadas pelo GENIR. Partindo da problemática da violência de gênero e violações de direitos, e com base em autoras(es) como Goldman (2014), Davis (2016) Larrosa (2004) Saffioti (2015) Duarte (2009) entre outras(os), o texto busca refletir criticamente sobre os livros e filmes clássicos e contemporâneos utilizados no projeto, o qual se pautou na linguagem cinematográfica para a promoção de um ambiente de elevação das dimensões do humano, por meio da pausa reflexiva, do espaço da apreciação do belo, da fuga do automatismo, do aguçamento da sensibilidade e apuração do olhar estético. O estudo evidenciou que a dinâmica social é marcada por relações patriarcais e sua estrutura de poder que contamina toda a sociedade, tem caráter interseccional e se expressa na esfera social, cultural, física, moral, epistemológica, institucional, psicológica, patrimonial, entre outras. Embora tenha ocorrência sobre todas as pessoas, independentemente da cor, gênero, classe, orientação sexual ou condição física, acomete principalmente as mulheres negras, porém suas demandas foram pouco exploradas pela historiografia. Concluiu-se que a produção literária e fílmica majoritária ainda apresenta uma abordagem eurocêntrica, cisheteronormativa sobre os problemas sociais, marcadamente sobre as relações de gênero.

¹ Discente do Curso de Pedagogia da UFAL, Campus Sertão, Bezerran558@gmail.com - <https://lattes.cnpq.br/1665065335147064>

² Discente do Curso de Pedagogia da UFAL, Campus Sertão, Oliveiraferreiramanuella@gmail.com - <https://lattes.cnpq.br/4563580524064419>

³ Discente do Curso de Pedagogia da UFAL, Campus Sertão, ananda.santos@delmiro.ufal.br - <http://lattes.cnpq.br/6563372736918895>

⁴ Discente do curso de Pedagogia da UFAL, Campus Sertão, khadija.santos@delmiro.ufal.br - <https://lattes.cnpq.br/6326837318654192>

Palavras-chave: Cine debate GENIR; Relações de Gênero; Sertão Alagoano

1 Introdução

Trata-se da proposição do debate em torno das relações de gênero, lançando luzes para a apreensão dessas relações no sertão alagoano, por meio da análise crítica e interseccional da experiência acumulada ao longo de um ano de edições mensais do Cine Debate⁵, que se desenvolveu como uma ação extensionista promovida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social, com o objetivo de problematizar, no espaço acadêmico, questões sociais e seus rebatimentos, tais como desigualdade, misoginia, racismo, anti-LGBTQIAPN+, entre outras, no escopo das categorias sociais discutidas no interior do GENIR.

As problemáticas suscitadas pelo Mapa da Violência Contra a Mulher⁶ e pelo Atlas da Violência⁷, demandaram ao grupo de pesquisa a promoção do debate, no espaço acadêmico, sobre relações de gênero, o que foi feito por meio da exibição e debate de filmes e livros clássicos e contemporâneos com vistas à promoção da reflexão crítica sobre o tema, dada a sua relevância.

A metodologia escolhida para a condução do projeto se pautou no entendimento, a partir de (DUARTE, 2009, p. 70-71), de que o cinema “é uma fonte de conhecimento” e por ser uma linguagem artística, segundo (LARROSA, 2004, p. 160), permite “suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza”, isto possibilita um aprendizado totalizante, em observação as dimensões: técnica, estética, política e ética do conhecimento (RIOS, 2006). Buscou-se com o uso da linguagem cinematográfica, a promoção de um ambiente de pausa reflexiva, em que a arte opera como necessidade humana para a elevação das dimensões do humano.

O projeto de extensão Cine debate foi o elo que uniu as ações de estudo e pesquisa desenvolvidas no grupo, consubstanciando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que caracteriza a formação em nível universitário, ao mesmo tempo promovendo um diálogo de saberes entre o grupo, a comunidade acadêmica e

⁵ Pode ser acompanhado pelo Instagram @grupogenir

⁶ Produzido pelo governo de Alagoas, disponível em: <http://mulhersegura.seguranca.al.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Mapa-da-Viol%C3%Aancia-Contra-a-Mulher-Alagoas-2021.pdf> acesso em agosto de 2023.

⁷ Produzido pelo IPEA, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3956-dashboard-atlas-2021.pdf>, acesso em agosto de 2023.

comunidade em geral. Ele partiu da necessidade de debater temas prementes da contemporaneidade relacionados às violações de direitos e sua vinculação ao processo de reprodução social do capital, com foco para as relações de gênero.

Os textos que eram lidos no interior do GENIR geraram debates que foram socializados com a comunidade acadêmica por meio das edições mensais do cine debate, no percurso de um ano. Destarte, os filmes exibidos tinham relação direta com a literatura analisada. Por fim, considera-se que o cine debate está sendo uma importante ferramenta de formação e sensibilização da comunidade acadêmica em temas que comumente é pouco discutido no espaço acadêmico, ou quando se faz presente, ainda apresenta alguns mitos e distorções, por isso a relevância do projeto.

2 Cine debate GENIR: relatando a experiência

Como já exposto, ao longo de um ano, de outubro de 2022 a outubro de 2023, foram exibidas sessões mensais de filmes relacionados com a literatura estudada pelo GENIR, dada a complexidade do debate evocado pelo texto, foi preciso exibir mais de um filme sobre os temas discutidos. Neste processo, foram estabelecidas algumas parcerias importantes, como a exibição do filme *Geração Prozac* em parceria com o setor de psicologia da UFAL Sertão em virtude do *Setembro amarelo* e do número de ocorrência de suicídios, na cidade de Delmiro Gouveia em um curto período de tempo, além da exibição do filme *A mulher rei* em parceria com o NUDES – Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano, por ocasião do dia *Internacional da Mulher Preta Latino-americana e Caribenha*, a saber:

RELAÇÃO DE TEXTOS E FILMES – CINEDEBATE GENIR

LIVROS	FILMES
Mulher, Estado e Revolução de Wendy Goldman;	Não olhe para cima ⁸
	As sufragistas
Mulher, Raça e Classe de Ângela Davis	Histórias Cruzadas
	A mulher rei
Calibã e a Bruxa de Sílvia Federici	Agnus Dei

⁸ O primeiro filme teve o papel de lançar o projeto e abrir as discussões.

	As bruxas de Salém
Gênero, Violência e Patriarcado de	Silêncio da Inocentes
Heleieth Saffioti	Se Você Falar

Fonte: arquivo do GENIR

As ações do projeto contaram uma média variada de público, ora com muita gente, ora com poucas pessoas, talvez em função do horário de exibição, o interessante é que se constituiu um grupo – embora pequeno – de frequentadores fixos que, a despeito do horário e de outros obstáculos, sempre compareceram, reforçando a proposta inicial de formação de público apreciador de debate fílmico, então sob este ponto de vista, houve êxito. Algumas das pessoas participantes do público atendido, demonstraram interesse pela temática, e vieram a fazer parte do GENIR, tendo sido atraídas pelo cine debate.

As/os discentes do GENIR conduziram cada sessão iniciando as discussões e convidando o público a debater as questões centrais de cada filme, isto foi importante, pois, fortalece a formação acadêmica e reverbera na prática social delas/es. Cada uma das sessões teve um assunto em evidência, dentre elas algumas se destacaram mais, seja pela quantidade de público participante, seja pela natureza dos tópicos em pauta, a exemplo da segunda sessão, com *As sufragistas*, marcada pelos relatos pessoais, das estudantes do noturno sobre abuso sexual e violência doméstica, suscitado pelas cenas de abuso e violência no filme que trata do cenário de Londres no ano de 1912, na qual as mulheres vivenciavam longas jornadas de trabalho nas fábricas como mão de obra barata por muitas horas.

Ao longo do ano, ficou evidente que o tema da violência e violações de direitos despertou mais interesse e perpassou as discussões de todas as sessões fílmicas, mesmo quando estes não eram os temas dominantes. As sessões versavam sobre as categorias centrais pesquisadas no âmbito do GENIR: gênero, igualdade e reprodução social, com foco para a mulher negra. Portanto, os filmes deveriam, ao menos minimamente, suscitar essas questões.

No geral, a mulher representada na obra cinematográfica se desdobrava com múltiplos papéis de esposa, mãe, funcionária e/ou doméstica, em condições de trabalhos muito precárias, pois trabalhavam mais que os homens, entretanto ganhavam um salário reduzido e ainda sofriam abuso sexual e verbal de empregadores/as. Embora o foco do cine debate fosse a mulher negra, se constatou a ausência desta em parte da literatura

analisada e dos filmes exibidos, e quando presentes, sua representação social na maior parte das vezes não era em condição de empoderamento, evidenciando a invisibilização de sua existência e sua luta e a normalização de um lugar socialmente construído, e a elas destinado, como espaço de subalternidade.

Interessante constatar, que mesmo filmes dentro do escopo dos direitos humanos, invisibilizam a luta da mulher negra, corroborando a afirmação de Saffioti (2015) de que os direitos humanos são um privilégio de pessoas brancas e ricas, marcadamente homens.

3 A importância da filmografia na formação acadêmica

O projeto de extensão Cine debate é o elo que une as ações de estudo e pesquisa desenvolvidas no grupo, consubstanciando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que caracteriza a formação em nível universitário. Ele partiu da necessidade de debater temas prementes da contemporaneidade relacionados às relações de gênero e violações de direitos e sua vinculação ao processo de reprodução social do capital, com foco para as relações de gênero, com vistas à reflexão sobre desigualdades, sobretudo àquelas do escopo das categorias discutidas no grupo, reproduzidas pelo capital e a sociabilidade dele decorrente.

Neste sentido, a articulação entre os estudos e pesquisas realizados no GENIR, com o projeto de extensão, é uma importante ferramenta pedagógica de formação totalizante dos sujeitos em que se relacionam as discussões onto-históricas e a arte cinematográfica para a difusão do cinema nacional e mundial e a promoção do debate sociocultural. Esta ação se dá em cumprimento à Lei 13.006 de 2014, que determina a exibição de filmes nacionais na Educação Básica. Desta forma, os cursos de licenciatura precisam fomentar no corpo discente o senso estético e crítico sobre a representação social dos problemas sociais pela filmografia, para que estes possam ser multiplicadores desta prática.

Na perspectiva de Alain Bergala (2008), e de uma educação emancipadora, a articulação entre cinema e sala de aula exercita o olhar crítico sobre a alteridade, bem como, sobre as questões que preocupam a sociedade e demandam respostas coletivas. No Cine debate GENIR, essa articulação se faz na perspectiva da apreensão das

vivências sociais no contexto da reprodução social do capital na produção de desigualdades.

A apreciação fílmica é uma fonte de conhecimento, é uma tecnologia de formação que extrapola as formas didáticas convencionais, ao acionar diferentes dimensões do conhecimento para o ensino de competências e habilidades⁹.

Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (como uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes “mais nobres”. (Duarte, 2009, p. 70-71).

O cine-debate surge como ferramenta pedagógica de desvelamento da lógica destruidora do capital e seus rebatimentos sobre as categorias interseccionais de classe, raça, gênero e sexualidades. Por meio da arte, da percepção estética, do sentimento do/no/sobre o mundo espera-se a formação de um público reflexivo, crítico e atuante. Este é um espaço privilegiado, onde, utilizando a arte como pretexto para contemplar a realidade de forma crítica, é possível se munir de um referencial lúdico e prático, com vistas a produzir movimentos de intervenção na dinâmica social. Neste sentido,

a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demora-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2004, p. 160).

Busca-se com o uso da linguagem cinematográfica a promoção de um ambiente de elevação das dimensões do humano, por meio da pausa reflexiva, do espaço da apreciação do belo, para a fuga do automatismo, e o estímulo ao aguçamento da sensibilidade. A linguagem cinematográfica é a linguagem da decodificação de signos, na ação pedagógica ela se presta à formação da consciência crítica e apuração do olhar estético, fundamentais para a formação na perspectiva omnilateral. E assim, no combate a educação bancária Freire (2005), o encontro com a arte torna suportável a apreensão da crueza da realidade, e instiga a transformação social.

Principalmente quando se dialoga sobre temas, supostamente pertencentes à esfera do privado, como a violência doméstica, e os abusos sexuais, é possível enxergar

⁹ De acordo com Rios (2006), a normatização da Educação Nacional vigente para a formação de competências e habilidades, as dimensões do conhecimento são quatro: técnica, estética, ética e política.

no outro – que se encontra do outro lado da tela – referentes da própria realidade e refletir sobre a própria condição de pessoa que é acometida por essa violência e violações. Não por acaso, os filmes com esses tópicos tiveram uma participação muito maior do público nos debates, revelando que há uma demanda latente nos subterfúgios das relações de gênero no sertão alagoano.

4 Discutindo relações de gênero no sertão alagoano

Ficou evidente, nos estudos e discussões realizadas que a questão mais latente foi a violência e violações de direitos contra os corpos cis/trans/não normativos que caracterizam as diferentes formas do ser mulher e de existir no mundo.

O fenômeno da violência é marcado por relações patriarcais e sua estrutura de poder que contaminam toda a sociedade, pois, “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (SAFFIOTI, 2015, p. 49). Corroborando os dados do Atlas e do Mapa da violência, quando demarcam o contexto social da violência em que toda a sociedade está inserida, mas, tendo a mulher negra no centro desta violência, portanto, no centro da reprodução das relações patriarcais.

Essas relações de poder possuem caráter interseccional, ao se expressarem na esfera social, cultural, física, moral, epistemológica, institucional, psicológica, patrimonial, entre outras, e, embora tenham ocorrência sobre todas as pessoas, independentemente da cor, gênero, classe, orientação sexual ou condição física, acometem principalmente as mulheres que historicamente têm assumido múltiplos papéis sociais (GOLDMAN, 2014, p. 10), dentre eles o de esposa, mãe, doméstica, funcionária, essas mulheres “tinham poucas oportunidades nessas famílias patriarcais” e mesmo as mulheres trabalhadoras “dependiam da família e do salário do marido”.

É importante destacar que Goldman, em seu texto, se refere às mulheres russas, marcadamente brancas, mas, essa situação não era diferente a das mulheres negras, tanto no contexto das bolcheviques revolucionárias, como em outros espaços sócio-históricos, com o agravante de que suas dores e demandas foram pouco exploradas ou mesmo apagadas pela literatura sobre o assunto¹⁰. Na linha de frente das

¹⁰ O caso da Rússia é emblemático, sabe-se por fotos e documentos da época da existência de pessoas negras na Rússia no período descrito na obra de Wendy Goldman, contudo, os textos clássicos não abordam suas histórias. Sobre isso, ler A revolução russa, as mulheres negras bolcheviques e a reprodução social, disponível em

fileiras bolcheviques lutaram ombreadas mulheres negras e brancas, mas, não é comum encontrar registro fotográfico dessa presença de mulheres negras no registro historiográfico dessas lutas.

Segundo Davis (2016) as mulheres negras, estão na base da cadeia social, sua movimentação organizada é capaz de abalar toda a estrutura social, apesar de sua importância, conforme os dados estatísticos, analisados ao longo do estudo bibliográfico há pouca referência sobre suas expressões culturais e históricas em livros e filmes, porque as narrativas dominantes têm negligenciado ou estereotipado suas experiências, com isso, a participação dessas mulheres, na organização social, não é devidamente documentada ou reconhecida.

Os debates foram conduzidos no intuito de reforçar a importância de questões sociais relevantes, como a igualdade de gênero e o empoderamento feminino, sobretudo, quando constatados os índices de ocorrência de violência e violações de direitos, no Estado de Alagoas a partir do mapa da violência contra a mulher produzido pela secretaria estadual de segurança. A violência contra a mulher em Alagoas tem cor e uma faixa etária com mais ocorrências. Quando se juntam as mulheres pretas e pardas, se tem 74% de mulheres entre os maiores índices, e 48% na faixa entre 25 e 40 anos, justo em sua fase produtiva e reprodutiva mais acentuada, imprimindo no imaginário social a falsa ideia de que há corpos que valem menos que outros.

A violência de gênero não fragiliza apenas a vítima – isto quando não a elimina – mas também, todo o seu entorno, seus filhos e família são afetados direta e/ou indiretamente pelo ciclo de violações que resultam dessa violência, pois ela não se encerra no ato em si, mas gera uma cadeia de eventos que acomete a vítima e seus laços de afeto, seja familiar ou de amizade. Por vezes, a vítima se vê isolada/segregada de sua rede pelo afeto, pelo impacto que esse ciclo de violência gera nas pessoas a seu redor. O medo gerado pelo agressor aos círculos de convivência da vítima não é apenas uma consequência do ato de violência contra a vítima, mas também outra forma de agressão. Como se fosse um recado social repassado por seus algozes, indicando a elas que seus corpos não lhes pertencem, e tudo delas pode ser retirado: dignidade, possibilidade de se reproduzir e produzir sua existência de forma independente.

As relações de gênero desempenham um papel crucial na reprodução social do capital, no sertão alagoano não é diferente. A teoria da acumulação primitiva de capital

em Marx analisada por Silvia Federici (2004) sob a ótica da força de trabalho das mulheres, tem eco nas relações sociais desenvolvidas no interior de Alagoas, aqui, as mulheres são frequentemente exploradas e espoliadas de sua capacidade produtiva, no processo de patriarcado do salário, e são as famílias que assumem essa função reconfigurada pela contemporaneidade de instituição-chave para a acumulação primitiva.

A família não é apenas um espaço de reprodução biológica, mas também desempenha um papel fundamental na transmissão da propriedade, na reprodução da força de trabalho e na conformação de consenso em torno da ideologia dominante, portanto, uma unidade produtiva bastante relevante ao capital. No contexto da família enquanto elo importante da cadeia produtiva, as mulheres são exploradas triplamente, como trabalhadoras domésticas, responsáveis pela criação dos filhos – nova força de trabalho – e agentes-chave na manutenção da ordem social que legitima a acumulação de riqueza nas mãos de poucos. Essa interseção entre gênero e acumulação primitiva no sertão alagoano ilustra vividamente as dinâmicas complexas que perpetuam a desigualdade e a exploração em nossa sociedade.

5 Considerações finais

Tendo em consideração que a produção cinematográfica é uma forma de arte poderosa, que pode servir como uma plataforma para discutir questões complexas e desafiadoras que muitas vezes são evitadas nas conversas cotidianas, a experiência foi avaliada como exitosa em diferentes aspectos, pois, dentro da universidade, constituiu um público fixo na apreciação da arte fílmica e realizou intensos debates sobre temas sensíveis, geralmente rotulados como tabu e empurrados para debaixo do tapete da hipocrisia social.

Além disso, a iniciativa não apenas beneficiou o público atendido pelo projeto, mas também proporcionou um impacto positivo na formação acadêmica dos estudantes do GENIR, os quais, ao participarem como com uma dupla função: público e organizadores, ampliaram o leque de conhecimentos e compreensão sobre as temáticas levantadas. Para além disto, o formato utilizado, em que os discentes eram os responsáveis por organizar e gerenciar o momento e iniciar a análise e debates, forneceu

habilidades práticas significantes, evidenciando a importância de momentos formativos como estes.

Quanto à temática analisada, concluiu-se que contraditoriamente, contrariando os dados estatísticos da presença da mulher negra na vida social, observou-se que os filmes apresentam uma abordagem eurocêntrica, cisheteronormativa sobre questões sociais relevantes, ao exibir problemas sociais intensos, majoritariamente sob o viés masculino, branco, europeu, rico, cisheteronormativo e cristão, o que acentua a invisibilização de temas sensíveis ao público, bem como a normalização de padrões, linguagens, discriminações, preconceitos, racismo, misoginia e LGBTQIAPN+fobias.

Apesar dessa limitação detectada na produção cinematográfica majoritária, destaca-se a sua relevância e a necessidade da representação diversificada e inclusiva no cinema e na mídia em geral, para refletir a rica diversidade da sociedade, reconhecendo as experiências de todos os grupos, que enriquece a narrativa e desafia estereótipos. Exatamente por isso, os debates procuraram evidenciar essas lacunas, as quais não são meros acasos, mas sim parte de um projeto de sociedade que privilegia o poder do masculino em todas as suas expressões.

Sendo assim, a partir do estudo dos textos e do debates de filmes evidenciamos que o patriarcado não se limita a um aspecto específico da sociedade, a luta pela igualdade de gênero e a eliminação da violência e das violações de direitos não pode se restringir a uma única dimensão, mas deve abordar as raízes sistêmicas e estruturais do problema, como também refletimos que é necessário promover uma conscientização, educar sobre a diversidade de gênero, desafiar as formas tradicionais e fortalecer as leis de proteção aos direitos humanos para os grupos marginalizados, sobretudo mulheres negras, em toda a amplitude e interseccionalidade que esta categoria alcança.

Os resultados obtidos com o projeto de extensão, validam a reedição do cine debate como um espaço de problematização de temas sensíveis e relevantes no espaço acadêmico.

Referências

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE -FE/UFRJ, 2008.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Helci Regina Candiani (Trad.), 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução do coletivo Sycorax, disponível em: <http://coletivosycorax.org/indice>, acesso em 17 de julho de 2023.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, estado e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado e violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.